

VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP São Paulo - SP 10 e 14 de Novembro de 2014

OS CAMINHOS DA MEMÓRIA ENQUANTO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAXIAS DO SUL

Jamile Cezar de Moraes*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa trata do projeto Caminhos da Memória, enquanto espaço de trocas de experiências e reflexão sobre a memória e a preservação do patrimônio cultural de Caxias do Sul-RS. O problema que norteou a pesquisa é "de que forma o Caminhos da Memória aborda o papel da memória e a preservação do patrimônio cultural caxiense?".

O objetivo geral visa discutir sobre o projeto Caminhos da Memória como instrumento de reflexão e educação não formal voltada à cultura e ao patrimônio cultural edificado de Caxias do Sul-RS. Os objetivos específicos pretendem analisar sob a perspectiva da memória social o projeto Caminhos da Memória, enquanto espaço de trocas de experiências e fatos históricos de Caxias do Sul-RS; e refletir a respeito do papel do Caminhos da Memória na proposição de valorização do patrimônio cultural edificado de Caxias do Sul a partir da concepção de educação não formal.

^{*} Especialista em Revisão de Texto e Assessoria Linguística (Uniritter), Bacharel em Turismo (Feevale), Licenciada em Letras Português (Ufrgs), Mestranda em Processos e Manifestações Culturais (Feevale) e Bolsista Fapergs. Orientanda do Prof. Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze (Feevale). Contato: jamilecezar@gmail.com

Essa discussão se faz a partir da análise do objetivo de pesquisa destacado a fim de contemplar um contexto maior na produção da dissertação de mestrado. Acredita-se que o projeto Caminhos da Memória tem sido importante para a sociedade caxiense, para despertar o interesse ao patrimônio cultural, representado em edificações, praças e monumentos históricos preservados. Além disso, ele propõe-se levar à sociedade civil a oportunidade de discutir e conhecer mais a respeito do seu espaço de vivência, de modo que o cidadão tenha ciência de seu papel como multiplicador da preservação da história e memória, como também da cultura da cidade.

No sentido de contextualizar a cidade em que a atividade ocorre, Caxias do Sul está situada geograficamente na extremidade leste da encosta superior nordeste do Rio Grande do Sul, na região conhecida por Serra Gaúcha. Hoje é o segundo município mais populoso do Estado. Está a 128 km de distância da capital, Porto Alegre. Do ponto de vista da produção industrial, destaca-se no setor industrial, pelo polo metal-mecânico, além da indústria moveleira e a produção de plásticos (FEE, ano; IBGE, 2010).

Historicamente, é reconhecida pela vocação para o trabalho, fé e família, em razão do processo de migração italiana, formação da colônia e necessidade de estruturar a economia, inicialmente pela produção agrícola. A fé católica está presente como parte da tradição europeia, que se manifestou artisticamente em capitéis, capelas e igrejas, além da religiosidade familiar. Com isso, a família, primeiro grupo organizado dentro da colônia foi o elemento que uniu e manteve os grupos unidos e organizados.

Do ponto de vista cultural, em 2006, em razão do trabalho realizado pela administração pública municipal, obteve o primeiro lugar no Índice de Gestão Municipal em Cultura (IGMC), avaliação desenvolvida pelo IPEA e o IBGE, recebendo o título de Capital Nacional da Cultura. Nessa perspectiva, a Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul trabalha estimulando a produção e participação de atividades e projetos voltados à manifestação cultural, seja pela iniciativa da própria administração pública seja por meio de incentivos municipais, como a Lei de Incentivo à Cultura (LIC) e o Financiarte.

Dentre os projetos contemplados pela LIC de Caxias do Sul está o Caminhos da Memória. A sua realização é resultado do trabalho coletivo entre a Moúsai¹, a Prefeitura

Associação dos Amigos da Memória e do Patrimônio Cultural de Caxias do Sul, com atuação voltada à preservação e valorização do patrimônio cultural caxiense, por meio de palestras, exposições e publicações de materiais voltados às edificações históricas da cidade.

Municipal e a iniciativa privada. O início da atividade ocorreu em 2008, com a criação do projeto e aprovação pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura para a primeira edição de 2009 a 2010. A realização da atividade é de responsabilidade do arquiteto e urbanista Roberto Filippini, um dos criadores do projeto.

Sua estrutura está baseada em atividades semelhantes as que ocorrem em Florianópolis-SC, Rio Grande-RS e Porto Alegre-RS, com o *Viva o Centro a Pé*. Para a versão caxiense, inicialmente, nas dependências do Museu Municipal, há a discussão de conceitos e estilos arquitetônicos e a apresentação do documentário "O Campo dos Bugres", que relata o processo de ocupação territorial em que Caxias está situada. Na sequência, realiza-se a caminhada na região central da cidade, sob a animação do arquiteto responsável, a qual se observa as edificações com singular apresentação arquitetônica e estética, e significativas quanto às memórias da cidade, animador e caminhantes. A figura 1 apresenta o folder de divulgação do projeto:



Figura 1: Folder de divulgação do projeto Caminhos da Memória Fonte: Site Caminhos da Memória.

O Caminhos da Memória está na segunda edição e já recebeu mais de 400 participantes nas duas edições, com o público heterogêneo em gênero e faixa etária. Do ponto de vista profissional, muitos professores, aposentados, fotógrafos, guias de turismo e estudantes já realizaram a caminhada. Prioritariamente, ele é direcionado ao cidadão caxiense, no sentido de estimular uma visão voltada à preservação da memória e história

da cidade, manifestada nas edificações, praças e monumentos sobreviventes ao processo de modernização. O projeto concorreu ao Prêmio da Famur/Codic 2ª Edição, em 2010, ficando em terceiro lugar, ao representar a Prefeitura Municipal caxiense.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia da Pesquisa

Utilizou-se como metodologia da pesquisa revisão bibliográfica, pesquisa documental e observação participante. Realizou-se dessa forma no sentido de produzir um recorte baseado nos conceitos mais relevantes e que poderiam estabelecer mais relações com os documentos e a atividade em si. A fundamentação teórica foi baseada em Halbwachs (2006) e Catroga (2001) para tratar de memória. Choay (2001) é referência ao patrimônio cultural e Geertz (1989) para tratar das questões voltadas à cultura.

A pesquisa documental se deu por meio das atas das reuniões mensais da Moúsai, referentes ao projeto de 2008 e 2009, bem como a matéria da seção "Nosso Patrimônio", intitulada "Um passeio pela memória das ruas" da edição nº 13, de 25 de fevereiro a 3 de março de 2010 do jornal O Caxiense. A observação participante ocorreu ao longo do segundo semestre de 2014, o que totalizou sete caminhadas.

Análise se deu a partir dos conceitos de patrimônio, memória e cultura, relacionando-os aos documentos e à observação da atividade com o intuito de responder ao problema levantado e atingir os objetivos propostos. Tendo em vista a expectativa de apresentar o Caminhos da Memória como uma proposta voltada à comunidade caxiense, gratuita e que estimula o olhar do cidadão a sua cidade, retomando as memórias individuais, os sentimentos e valores perdidos e esquecidos.

2.2 Análise dos Dados

A partir do problema da pesquisa, a discussão inicia pela perspectiva da memória, no sentido de que ela é utilizada como estímulo para observar e perceber a paisagem, a fim de estabelecer laços entre as memórias dos caminhantes e as edificações. Também se propõe a reflexão sobre a valorização do patrimônio cultural que o Caminhos da Memória estimula pela educação patrimonial. Uma vez que o projeto visa tornar os

caminhantes multiplicadores da proposta de proteger e valorizar o patrimônio cultural de Caxias, por meio do olhar da cidadania.

Com base no objetivo geral do projeto: "Oportunizar um momento de informação e conhecimento à população sobre aspectos da história arquitetônica e urbana de Caxias do Sul, oferecendo-lhes subsídios para a construção de uma visão crítica a respeito da preservação da memória material e imaterial da nossa cidade" (MOÚSAI, 2013, p. 8). Observa-se que a proposta está direcionada ao conhecimento e à história de Caxias pela arquitetura e realidade da cidade em seus diferentes momentos, além de estar voltado à comunidade, ao tratar como "nossa cidade", para estabelecer ou reconstituir os vínculos identitários.

A matéria do jornal O Caxiense, presente na seção "Nosso Patrimônio", intitulada "um passeio pela memória das ruas", sugere a inclusão do seu leitor na reflexão. Bem como aproximar o texto ao projeto, enquanto "passeio" pelas "memórias das ruas", a partir da permanência de algumas edificações e suas histórias que preservam a narram memórias do passado.

Sobre esse ponto de vista inicial, em que o objetivo do projeto e a matéria do jornal são expostos, Halbwachs (2006, p. 152) aborda a memória em relação a monumentos ou ruas históricas, conforme segue:

Para reencontrar as vias e monumentos antigos, conservados ou desaparecidos, nós nos guiamos pelo plano geral da cidade antiga, nos transportamos para ela em pensamento, o que sempre é possível para os que nela viveram, antes que houvessem ampliado e reconstruído os velhos bairros, e pelos pedaços de muros que permaneceram de pé, essas fachadas de um outro século, esses trechos de rua guardam seu significado de outrora.

Seguindo a perspectiva do sociólogo, a procura pelos significados de outrora se dá, em Caxias do Sul, pela relação que se tenta estabelecer, em cada caminhada, entre as memórias coletivas e as memórias dos caminhantes, a fim de que essas construções antigas apresentem uma "face", humanizando-as, na medida em que se tornam presentes da vida dos participantes com seu uso inicial, como teatro, cinema ou café, por exemplo. Além de afirmar que os prédios carregam lembranças de fatos e momentos importantes para a compreensão da trajetória da cidade, de forma que a permanência dessas edificações são recortes de períodos específicos que Caxias viveu, quase como testemunhas do passado.

Conforme Aramis (2010, p. 10), "resistem os antigos e imponentes prédios que representam a trajetória e a identidade cultural do município". Nesse sentido, a perspectiva de Filippini vai ao encontro da do jornalista, pois, para o arquiteto, o que importa é que a sensibilidade e o senso de responsabilidade de preservação da história de Caxias toquem os caminhantes numa visão de cidadania e respeito à cultura.

De acordo com Maria Angélica Grazziotin, o projeto pretende "fazer com que as pessoas andem por ruas conhecidas e, com um caminhar mais lento e um novo olhar sobre os prédios, sintam-se forasteiros na própria casa e redescubram uma cidade mais interessante do que o cotidiano é capaz de revelar" (ARAMIS, 2010, p. 10). Quanto aos objetivos do projeto:

[...] contribuir com a recuperação da identidade cultural da cidade, numa época em que a convergência de interesses econômicos ameaça descaracterizar a paisagem urbana tradicional, e, com efeito, romper com os laços e o respeito à experiência acumulada. Sua continuidade e renovação como projeto cultural têm cada vez mais garantida sua importância no papel da divulgação dos valores patrimoniais para a construção de uma cidadania para a preservação, transformando os participantes em multiplicadores conscientes da cultura e da memória de Caxias do Sul (MOÚSAI, 2013, p. 7).

Com isso, há uma consonância de visões a respeito do Caminhos, no sentido de que sua realização está relacionada a promover discussão cidadã, provocando o caminhante a ser partícipe do processo. Por essa razão, devem estar atentos e inseridos nas discussões sobre a cidade, inclusive ao que abrange as manifestações culturais e a memória caxiense.

Durante o período de observação, percebeu-se que para alguns caminhantes as memórias evocadas pelo animador faziam mais sentido, sobretudo os participantes mais experientes, como quando se observava a Metalúrgica Eberle, e uma caminhante lembrou-se da sua juventude e que iniciou sua vida profissional na empresa, seu setor havia muitas meninas, cujo chefe era exigente e controlador.

Por outro lado, o público jovem explora as memórias familiares, um exemplo interessante ocorreu em frente ao Theatro Central. Uma caminhante lembrou de que seus pais começaram o namoro após um longo período de observação no ônibus, em um determinado dia o pai da moça sentou-se ao lado da futura esposa e a convidou para ir ao cinema, e que esse fato foi narrado inúmeras vezes em casa.

Tendo em vista essas narrativas e seguindo a perspectiva de Halbwachs (2006), a memória não é fruto das experiências do passado, mas uma releitura atualizada do que fora anteriormente. Dessa forma, as memórias dos caminhantes é resultado da retomada das lembranças a partir do olhar dado pelo momento presente, ou seja, motivadas pela atividade e forma como o animador conduz.

Catroga (2001, p. 45) trata de outra forma de analisar a atividade, por meio das liturgias de recordação e dos rituais de memória, conforme segue:

A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias centradas em reavivamentos que só os traçosvestígios do que não existe são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável, não só pelas expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objectivação – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e transmitem, o que mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos da memória.

Ao aproximar os caminhantes da história de Caxias, pelas edificações, praças e monumentos da região central da cidade, e narrada por meio das memórias do animador pode-se considerar o projeto como uma prática litúrgica de reavivamento da memória. A qual visa trazer à tona o passado, esquecido ou desconhecido, a fim de se estabelecer um compartilhamento de sentimentos, por parte daquele que apresenta até o que está experenciando o momento pela caminhada e observação dos espaços visitados. A figura 2 ilustra o grupo da caminhada comemorativa à Semana da Fotografia de Caxias do Sul, em agosto de 2014, em frente ao Clube Juvenil:



Figura 2: Caminhos da Memória na Semana da Fotografia, versão noturna, agosto 2014. Fonte: Márcia Dall'Ago, Perfil Facebook

O ato de caminhar também compõe a ideia de ritual, tal como uma peregrinação religiosa, tendo em vista que há um percurso pré-determinado, bem como os espaços que são observados e admirados. A caminhada se torna um suporte para o ritual, no sentido de fazer parte da liturgia de recordação, novamente, retomando o aspecto religioso, espiritual do reavivamento das memórias. A comunhão, o ápice do ritual se dá quando os caminhantes partilham suas lembranças, comungando da mesma percepção e entendimento dos papéis socioculturais que os espaços visitados atuam ainda na atualidade.

Catroga (2001) relaciona a memória com o caráter ritualístico das lembranças, conforme segue: "[...] não haverá memória coletiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados" (Catroga, 2001, p. 47). Como também ele complementa:

De fato, as reminiscências comuns e as repetições rituais (festas familiares), a conservação de saberes e de símbolos (fotografias e respectivos álbuns, a casa dos pais ou dos avós, as campas e mausoléus, os papéis de farmácia, os odores, as canções, as receitas de cozinha, os nomes), a par da responsabilidade da transmissão e do conteúdo das heranças (espirituais e materiais), são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença, em que cada subjetividade se auto-reconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projectam no futuro (CATROGA, 2001, p. 50).

Catroga (2001) aponta uma valorização de determinadas experiências e momentos que, por intermédio da memória, ganham outro sentido, seja como um ritual familiar ou religioso, seja como motivo de comemoração e também símbolos específicos de um grupo. Com isso, a criação de rituais ou conservação de saberes e símbolos são manifestações em que a memória é utilizada para atribuir um novo valor ou um sentido diferente do inicial da atividade ou do objeto. Essa valorização que Catroga aponta é uma ferramenta útil e interessante para estimular a comunidade conhecer o passado, como também propor outras práticas para preservação.

O uso da memória como instrumento para reavivar sentimentos, fatos e percepções a respeito da cidade é uma forma de respeitar seu passado, levando em conta que o presente é fruto desse passado, e que o futuro se constituirá a partir da compreensão do que se viveu. Para tanto, a valoração dada também pela memória e referências identitárias resultam na formação de um patrimônio cultural. Nesse sentido, o Caminhos

da Memória também busca estimular a valorização do patrimônio cultural, tendo como meio a educação patrimonial.

Para Liliana Henrichs, hoje coordenadora da Divisão do Departamento de Proteção ao Patrimônio de Caxias do Sul, o Caminhos da Memória é uma ferramenta para envolver a comunidade no debate e desafio da preservação ambiental. Segundo ela, "O projeto não é um roteiro cultural ou um passeio turístico. As arquiteturas são como um livro, que, para ler, é preciso estar alfabetizado" (ARAMIS, 2010, p. 11).

Além disso, ela acredita que é necessário conhecer o contexto histórico da arquitetura urbana para entender a sua importância na preservação da identidade cultural caxiense. Ela garante que o roteiro está permanentemente sensibilizando a comunidade, como também ela confia no envolvimento do caxiense. A partir dessa realidade, conforme Choay (2001, p. 216), "a transmissão de um saber histórico deriva principalmente da valorização do patrimônio".

Dessa forma, além da relação estreita entre história e patrimônios, a permanência de determinados pontos de vista e percepções a respeito de um lugar depende diretamente da forma como a sociedade se relaciona com o seu patrimônio. Para tanto, atividades como Caminhos da Memória podem tentar prolongar ou até modificar essas percepções, caso se faça necessário.

Na medida em que se estabelecem patrimônios culturais, esses são mecanismos para reforçar e tentar desfragmentar as sociedades atuais, a fim de valorizar espaços públicos e figuras ou momentos importantes historicamente, estabelecendo laços pela memória e identidade. Para Choay, "indivíduos e sociedades não podem preservar e desenvolver sua identidade senão pela duração e pela memória" (2001, p. 112-113).

A relação que o patrimônio cultural estabelece com a sociedade contribui para a valorização de uma identidade cultural. Geertz (1989) compreende que a cultura faz parte do âmago do homem, ela não generaliza nem uniformiza as sociedades. É pela cultura que se conhece um grupo social, não se ignorando a particularidade, distinguindo um grupo do outro, dando riqueza às formas de vida em sociedade. Essa particularidade pode ser vista como a identidade, uma vez que é um valor social e que atua no sentido de distinguir um grupo do outro, sem sobrepor ou supervalorizar, mas estabelecendo parâmetros pelas diferenças de valores, pensamentos, crenças, hábitos, etc...

Ainda que essa não seja fixa ou única, ela é parte de um processo histórico-cultural. Com isso, Caxias do Sul não foge dessa realidade, o Caminhos da Memória apresenta espaços privados e públicos que foram construídos em contextos distintos, visões de mundo diferentes e objetivos específicos, dessa forma, o conjunto desse processo, o patrimônio histórico-cultural, no caso, é um instrumento de valorização da cultura e da identidade caxiense.

Para Choay (2001, p. 200), não se deve afastar os monumentos e prédios antigos da realidade atual da cidade, uma vez que "todo fragmento urbano antigo dever ser integrado num plano diretor", o que "simboliza sua relação com a vida presente". Assim, além da relação de dependência mútua que se estabelece entre monumento e entorno e contexto atual, é fundamental que prédios antigos e monumentos tenham seus papéis atualizados. Em certa medida, isso é a realidade de Caxias, porém, o uso atualizado tem descaracterizado as edificações, se tornando estabelecimentos comerciais na maior parte.

A partir das observações, se constatou que a prática de educação não formal, conforme denominação do projeto, a educação patrimonial tem sido útil para estimular os participantes a compreenderem a proposta do Caminhos. Segundo Pesavento (1991, p. 9):

Três perspectivas caras ao patrimônio cultural nem sempre presentes nas instituições mantenedoras desses acervos: conservação, pesquisa e educação. A indissociabilidade desses vieses é, certamente, lição que necessitamos aprender a fim de propiciarmos uma adequada gestão dos nossos repertórios documentais, atendendo, principalmente, à finalidade social, científica e cultural a que se destinam.

A partir da visão da historiadora, vê-se que o projeto caminha no mesmo sentido, pois a conservação ocorre na medida em que há intensa conversa, principalmente motivada pelas memórias, a fim de estreitar os laços, criando ou refazendo vínculos com os espaços observados. A pesquisa acontece tanto na associação, quanto no Museu e com o animador, na tentativa de avançar cada vez mais a respeito das verdades históricas da cidade como a respeito de conceitos e exemplos utilizados.

E a educação, essa é a mais visível, já que a motivação para a realização do Caminhos se dá pela possibilidade de conhecer mais sobre a história, a cidade, a arquitetura e os aspectos socioculturais que permeiam o caminho. Sem adentrar pelos conceitos e métodos de educação patrimonial, já que o Caminhos da Memória não segue uma metodologia rígida de atuação, basta compartilhar da visão do Iphan a respeito:

O IPHAN concebe educação patrimonial como todos os processos educativos que primem pela construção coletiva do conhecimento, pela dialogicidade entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas.

Essa ampla abordagem dada pelo órgão à educação patrimonial permite que ações como o Caminhos da Memória fomente a discussão entre os cidadãos a respeito do papel do patrimônio cultural e também das ações realizadas para preservar e valorizar esses bens culturais. Tendo em vista a não rigidez e não formalidade da atividade, ela tem atraído e interessado mais participantes, fazendo com que o número de multiplicadores de valorização do patrimônio cultural caxiense aumente. Dessa forma é possível aprender sem uma certa obrigatoriedade e de forma lúdica, cativando jovens e adultos a modificar seu olhar para as belezas da cidade.

3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As considerações parciais apontam o Caminhos da Memória como uma atividade que estimula a sociedade civil a modificar o olhar, voltando-o para a história, a memória e a preservação da cultural local. Essa perspectiva se dá tanto pela abordagem das memórias quanto pela educação patrimonial, buscando a valorização do patrimônio cultural a partir do estabelecimento de vínculos e laços, com base em momentos anteriores vividos e compreensão da importância desses bens para manter presentes na paisagem urbana edificações que são testemunhas de momentos importantes para Caxias.

A respeito do público e seu envolvimento, embora seja satisfatório, é possível avançar ainda mais, pensando que se trata de atividade gratuita, voltada ao público jovem e adulto, que apresenta Caxias do Sul sob outro prisma, valorizando o passado particular e o coletivo. Sendo assim, é preciso identificar o público atingido e qual o público que deveria ser atingido, para cativar olhares futuros, que pensem a cultura e a identidade caxiense como forma de preservar sua herança e de manter vivos os testemunhos marcados nas fachadas dessas construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAMIS, Marcelo. Um passeio pela memória das ruas. Nosso Patrimônio. **O Caxiense**, ed. 13, de 23 de fevereiro a 5 de março de 2010, p. 10-12. Disponível em: http://issuu.com/ocaxiense_jornal/docs/edicao13. Acessado em 4 jul. 2014.

BRASIL. **Iphan**. Educação Patrimonial. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginaIphan>. Acessado em 10 out. 2014.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 2006.

MOÚSAI, Associação dos Amigos da Memória e do Patrimônio Cultural de Caxias do Sul (coord.). **Projeto Caminhos da Memória 2 edição**, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). **Memória Porto Alegre:** espaços e vivências. Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

SITE CAMINHOS DA MEMÓRIA. Disponível em: http://www.caminhosdamemoria.com.br/>. Acessado em jul. 2014.

